



# O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## O AUMENTO DE SALÁRIOS É A NOSSA REIVINDICAÇÃO FUNDAMENTAL

Como salientamos nos últimos números do TEXTIL, uma das condições fundamentais para melhorar as nossas condições de vida é, sem dúvida lutar por aumento de salários.

As acções já empreendidas pelos operários têxteis de Lisboa, Porto, Serra da Estrela, Minho, etc, na recolha de assinaturas, demarches junto dos patrões, dos sindicatos, INT e do governo exigindo a revisão dos Contratos Colectivos, por aumento de salários e outras reivindicações sentidas pela classe, mostram o novo espírito de luta e a grande ansiedade de melhorarmos as nossas condições de vida.

Apesar dos passos dados serem positivos, ainda não foram, porém, o suficiente para obrigarmos os patrões a ceder às nossas reivindicações.

A vida está a agravar-se cada vez mais em consequência da desenfreada subida dos géneros de primeira necessidade, sendo o governo o principal responsável do corolário negro que se abre à classe trabalhadora.

Só a nossa acção resolverá a nossa situação, quer junto dos patrões, quer do governo, devemos actuar no sentido de conseguirmos o aumento imediato dos salários. Para isso temos de nos unir e organizar.

Naturalmente que nem todos os operários tomaram a firme decisão de se deitar a caminho nesta acção, uns por a recearem, outros porque não foram atraídos a fazê-lo, não obstante o desejarem, outros ainda há que vão isolados junto dos patrões. Este não é, no entanto, o caminho a seguir. Lutar por aumento de salários não é crime nenhum, por

outro lado as acções isoladas servem apenas para que os patrões nos possam intimidar com represálias. O bom caminho é, sem dúvida, a unidade de acção cada vez mais larga e firme de toda a classe, porque todos nós sentimos a dureza da vida.

Devemos também saber associar à nossa luta toda a população conquistando o apoio do pequeno e médio  
(continua na 2.ª página)

## AMNISTIA AOS PRESOS POLÍTICOS

A medida que se desfaz o mito Salazar o mundo vai-se apercebendo das condições dramáticas em que se desenrola a luta do povo português e cada vez é mais salientada na opinião pública internacional a necessidade duma AMNISTIA política em Portugal.

Felos estudantes da Universidade de Moscovo foi enviada aos estudantes de Lisboa e Madrid uma moção contra a repressão desenfreada na Península Ibérica. Através da rádio os países do campo socialista têm vindo com insistência a desmascarar as atrocidades cometidas pela polícia fascista. No Brasil circula um texto dirigido ao Presidente da República Brasileira e ONU, pedindo a libertação dos presos políticos portugueses e espanhóis. Pelo seu documento propõe-se libertar 200 000 assinaturas. A libertação de Álvaro Cunhal tem sido debatido na imprensa livre dos países estrangeiros.

(continua na 3.ª página)

## SOBRE AS ELEIÇÕES SINDICAIS

No último número referimo-nos à importância que os sindicatos podem e devem ter na luta da classe operária, e às eleições sindicais. Diziamos então, que no próximo ano se realizarão eleições em vários sindicatos.

Na nossa classe, contam-se numerosos casos de direcções que estão completamente divorciadas dos nossos interesses, sendo portanto, uma tarefa fundamental, colocarmos nesses sindicatos direcções compostas por homens da nossa confiança.

Isto, porém, não se faz com uma perna às costas, como diz o Povo. É necessário pensarmos verdadeiramente nos passos a dar. Para isso a classe deve reunir e eleger a comissão sindical, que ficará encarregada de orientar toda a luta sindical no melhor sentido. E sobre quem é, que a classe deve fazer incidir as suas atenções, com vistas à constituição da comissão sindical? Os membros desta comissão devem ser aqueles nossos companheiros que co-

bativos, fiéis à sua classe e cuja ponderação e honestidade aconselhem a tal. Os destinos da luta sindical devem estar confiados a homens activos e portanto com capacidade de mobilizarem a classe inteira.

É frequente encontrarmos muitos companheiros que não têm a sua situação sindical devidamente em ordem. Deve principiar por aqui a acção das comissões: — levar os companheiros à regularização da sua situação no sindicato com vistas a poderem participar em todas as demarches eleitorais. Nós não podemos eleger as direcções da nossa confiança, se nas Assembleias Gerais, além das manobras fascistas, ainda nos faltarem companheiros com direito de voto. Por outro lado, cada direito de unidade tem de ser acompanhada de pelo menos 100 assinaturas proponentes, sendo necessário que estas assinaturas se refiram a companheiros que tenham a sua situação sindical em dia, situa-

(continua na 4.ª página)

(CONTINUAÇ. DA 1.ª PÁG.ª)

## CONVERSANDO

comércio e indústria que não só são também explorados pelos capitalistas, como duramente atinjuídos pelo nosso baixo poder de compra.

É evidente, como já dissemos e como a própria experiência da classe operária o demonstra, que os patrões e o governo não aumentarão substancialmente os nossos salários, sem a acção activa e resoluta da classe. Ora, por um lado, dão aqui um escudo, além disso e prometem munhões e fundos, era, por outro lado, reduzem os dias de trabalho, aplicam muitas, despedem etc.

Por conseguinte, nós têxteis, que somos uma classe bastante numerosa, unidos, seremos capazes de remover montanhas. Quanto maior for a nossa unidade de acção mais possibilidades temos de conquistar uma vida desafogada.

Para tanto, devemos discutir nas empresas onde trabalhamos a orientação a seguir. Eleger entre os homens e mulheres mais decididos, as nossas comissões de unidade a onde ajuda não as haja. Onde estiver a classe operária deve existir uma comissão de unidade. Estas comissões devem tornar-se em organismos activos na defesa dos nossos interesses.

Por outro lado, para coordenação da luta em toda a indústria têxtil, devemos escolher delegados para o estabelecimento de contactos, quer entre as empresas, quer entre as comissões de localidades.

Um factor muito importante para o desenvolvimento da nossa acção é a realização de reuniões da classe onde possam ser discutidos todos os problemas e assentarem-se quanto à orientação da luta a travar.

Nestas reuniões e através de todas as opiniões formuladas, certamente que a orientação que nelas for assente será muito mais o reflexo das disposições da classe do que se ela fosse apenas o resultado de duas ou três opiniões.

Que cada um de nós se esforce, pois, por desenvolver a luta nos seus locais de trabalho. Uma garantia para a vitória será o fortalecimento da unidade e da acção.

## MAIS UM EXEMPLO

Um operário que se encorrava doente havia 3 semanas a Caixa de Previdência nº 20900. De notar que este operário tinha uma doença grave e era pai de 2 filhos menores.  
Nas exp. os benefícios dos Calcos da Previdência salariais!

Embarcado a caldo é a bora os operários voltaram a sair. No largo em magote era hóido anigo dar-se dois dedos de conversa.

-- Bota aquel o nome.  
-- Nos mãos de o companheiro.

É a experiência da classe. Como devias saber pedimos 60 por cento. Toda a multa assina e por outro lado pensamos ir novamente ao Sindicato.

Um a um todos iam assinando.  
-- En Quim da Nora! Não fijas, põe aqui o teu nome também ou tu não és operário -- Eu não, o companheiro um jovem.

-- Eu não assino.  
-- Porque? -- Indagou Artur. Não és operário como nós? Não te explora o patrão, comeste bife agora ao meio dia? Isto é uma exposição em que o classe pede um aumento de 60 por cento. Já que não nos dá o salário que nos deviam dar, temos nós o direito de lutar por isso. De que é o teu medo? Da ser preso? Descansa. Quim, que ninguém te prenderá se esta exposição for de facto representativa de toda a classe e para isso basta que todos nós recolhamos o maior número de assinaturas.

Enquanto Artur falava a folha de papel circulava a circular de mão em mão e as assinaturas crescia.

-- Póis é -- retorquiu o Quim da Nora -- Tudo isto é muito lindo se fosse de facto como tu dizes. O pior é que na minha empresa o Nabais também anda com uma lista desses e ninguém assina.

Artur mostrou as listas, e ficou ao outro lado chegado ao grupo João que na o outro acabou de falar tonou a palavra.

-- Quem é que não quer assinar? É tu? -- São os teus compõeiros? Não -- Isso não é verdade. Diz-nos uma coisa -- Como podes os assinaturas lá na fábrica o Nabais? E assim em magote como está a tua? -- Artur curvou os ombros de toda a gente?

Quim da Nora não respondeu e o companheiro continuou.

-- Não respondes porque a que eu estou a dizer é verdade. Não és tu o primeiro a recusar, ao Zé lêrias pediu o Tito Bernardo as assinaturas e ele disse o mesmo que tu disseste e porque? Não é que o vosso pessoal seja diferente? Desde mas sim porque a maneira de actuar do Nabais gerou em vós o medo e a desconfiança. Como é que vós não devíeis ter medo de pôr o vosso nome num papel se ele vos era mostrado como se fosse uma coisa perniciosa e proibida?

Artur olhou para o relógio do tascó. Falavam ainda 10 minutos. Dali à fábrica do Quim era um tiro de espingarda.

-- Vamos lá todos -- gritou sorridente pela ideia que lhe ocorrera -- Vamos mostrar ao Quim se a multa assina ou não assina.

-- Vamos -- disseram várias vezes.  
A barra do portão da fábrica, ao Sol, sentados no chão operários em grupo. A um canto o Nabais conversava com o Tomé sobre a última derrida do Porto. A chegada dos compõeiros houve sarapatão. Que viam um fazer o João, o Artur, o Ventura e os outros se não era ali que eles trabalhavam?

Foi Artur quem tomou a palavra e esclareceu os amigos.

Companheiros não vimos aqui tirar uma prova real. Em frente à loja do Lisa eu papel desta lista, que é a nossa exposição ao Ministro pedindo um aumento de

60 por cento e pedi à molta para assinar. Todos assinaram à excepção do vosso colega Quim, que se desculpu dizendo que na vossa fábrica ninguém assina. Aqui tem uma lista igual o Nabais. É provável que os níveisseis ouvídes falar nele, mas com coloração rabulica aqui era o seu fim? Já algum de vós viu o lista dessa exposição?

-- Eu sabia porque o teu compõeiro me contou. -- Era a vós allicar o do Grilo.

-- Eu ouvi falar mas não soula para o que era.

A mim é verdade que o Nabais me falou em pôr o nome numa lista mas que julguel que desse alguma coisa perniciosa nunca mais lhe falei.

-- Bem amigos está quase na hora de entrarmos, Tu Grilo, assinas esta exposição da nossa classe?

-- Passa a caneta.  
-- E vós?

Um a um em frente ao portão da sua própria fábrica os operários foram rubiscando o seu nome na folha já meio suja do papel almaço. O último foi o Quim da Nora.

-- Ó Nabais quantas assinaturas tinhas tu arranjado? -- perguntou João.

-- Três.

-- Mais de 30 arranjou nas tuas barbas o Artur -- comentou por sua vez o Virgolino. A gente não quer caixinha. Quer os pontos nos ii. Andas para aí com tantos segredos parece que vais fazer a revolução e afinal não passa duma coisa simples e que interessa a todos nós.

Lá para os lados da cidade ouviu-se a sirene duma fábrica.

-- Ainda faltam 3 minutos mas aquele está com pressa. Três minutos por dia ao fim do ano é uma fortuna. Toca a andar rapazes se não chegamos tarde e é meio dia dado ao diabo.

Acabando de falar João e os companheiros seguiram lajeira abaixo. Daí a pouco todos os portões se tinham fechado e o barulho dos teares enervante, contínuo, voltou a encher os ouvidos dos operários.

## OS ESTUDANTES TÊM RAZÃO...

Durante os festejos estudantis realizados em Coimbra nos fins do ano findo e que se designaram de « Cortejo das Latadas », os estudantes desfilaram pelas ruas, cartazes como este: « Há falta de azeite porque a Oliveira está a secar » e... está tudo dito, uma vez que Salazar significa fome e um regime que, tal como a árvore que seca, está condenado pelo nosso povo a desaparecer.

## INFORMAÇÕES DAS EMPRESAS

**GUIMARÃIS** — Na firma José Tercato Ribeiro, filho « Hortas », o mestre leu aos operários um documento, no qual a entidade patronal pretendia que os operários descontassem horas extraordinárias para compensar os feriados que restavam até ao fim do ano. Como a explicação não estava muito clara e até, segundo esta, as horas extraordinárias seriam superiores aos feriados, os operários unidos recusaram-se a assinar em bloco.

— Na firma Moreira e Sampayo, quando as operárias vêm para o trabalho após o parto, são postas a 3 dias por semana se exigirem o pagamento do subsídio a que têm direito.

— Na Companhia de Fiação e Tecidos os operários encontram-se a trabalhar com 3 e 4 teares. Acontece muitas vezes alternarem uma semana de trabalho com uma semana completa sem trabalho. O fiscal Malaquias com o conhecimento e autorização da gerência aplica multas aos operários pelos motivos mais insignificantes. Quando algum operário baixa à Caixa Sindical acontece depois de alta ser impedido pelo mesmo de pegar no trabalho, havendo casos de operários que chegaram a estar 3 e 4 semanas em casa. No dia 30 de Novembro compareceram à porta da fábrica e à hora marcada pelo fiscal, os operários com direito ao subsídio de reforma. Apesar do mau tempo, o fiscal Malaquias manteve esse pessoal à espera 4 horas e só ao fim desse tempo os mandou prevenir que não pagaria nesse dia.

— Na firma Augusto da Silva Areias, os operários recebem ao fim da semana de trabalho, não a importância dos seus salários mas uma determinada quantidade de pano. Como os operários não comem pano, nem pagam a renda com pano etc. vêm-se na necessidade de após uma semana de cansaças, venderem o pano por baixo preço para atenderem às suas necessidades. Nesta mesma empresa foram recentemente instalados alguns teares automáticos. Por via disso foram despedidas 12 mulheres.

— Na firma Alberto Pimenta Machado, continuam as multas que vão de 10 a 50\$00, ou suspensão do trabalho por 3 dias. Estas multas são aplicadas por qualquer defeito no pano e significam um lucro para o patrão não só porque muitas vezes são aplicadas sobre defeitos insignificantes, como também a multa ultrapassa o prejuízo do defeito.

**PEVIDÉM** — Na fábrica do Alto foi há tempos obrigado a trabalhar com 4 teares um operário a quem o patrão não quis ouvir as explicações que dava sobre a violência do trabalho. Acontece que este operário, com 7 filhos menores, acaba de abandonar a sua profissão vítima duma doença pulmonar. Este é mais um exemplo dum operário a quem o patrão sugou o sangue até à última gota.

**LORDELO** — As empresas de S. Martinho do Campo e « Flôr do Campo » laboram em regime de semana reduzida. A primeira está a trabalhar 3 dias e consta que vai fechar e a segunda trabalha 5 dias por semana.

**NEGRELOS** — Na firma Narciso Machado Guimarães os operários têm sido obrigados a trabalhar aos domingos e feriados.

— Um operário da fábrica do Rio Vizela, foi ao Sindicato a S.º Tiro pedir que lhe fossem dados livros de instrução primária para uma filha. Perante a negativa do Sindicato perguntou se ela era o resultado da classe não ter concordado com o aumento da cota para 2\$50. Como resposta mandaram-no sair do sindicato senão seria chamada a guarda

**PORTO** — Na empresa Fil, na secção de estampania os operários pediram aumentos tendo o patrão ameaçado-os de despedimento. Por via disso os operários reduziram a produção, não se intimidando com as ameaças do patrão a quem responderiam que se os despedisse teria de lhes passar um certificado do motivo pelo qual o fazia. Algumas semanas depois os operários foram aumentados. Nas secções de Tinturaria e Desenho, os operários também pediram aumento que o patrão recusou, dizendo que só aumentaria se fosse obrigado a isso.

— Na firma Novais e Monteiro, o patrão avison o pessoal para procurar trabalho, pois que vai fechar. Esta empresa onde já trabalharam mais de 100 operários, está presentemente com 20 e fem indústrias seladas por não pagar as contribuições.

— Na cantina da empresa da S. Hora, a refeição, que ainda há pouco custava 2\$60 custa presentemente 4\$00 e consta que vai para 5\$00. No entanto os salários dos operários continuam na mesma.

**BARREIRO** — As operárias da secção de tecidos da CUF, estão sendo

(continua na 4.ª página)

## FUNDOS

Rubricas recebidas :

Afinador . . . . .	1\$00
Amigo da classe . . . . .	7\$50
Avé . . . . .	1\$50
Dois têxteis I grupo . . . . .	14\$50
Franco . . . . .	2\$00
Helder . . . . .	10\$00
João Amigo . . . . .	2\$50
Libertário . . . . .	1\$00
Lista n.º 1052 . . . . .	1\$50
» 1053 . . . . .	1\$20
» 1066 . . . . .	2\$50
» 1069 . . . . .	1\$30
» 1070 . . . . .	5\$00
» 1071 . . . . .	2\$50
» 1074 . . . . .	1\$50
» 1077 . . . . .	2\$50
» 1078 . . . . .	2\$50
Operários ajudam o Textil . . . . .	34\$50
Operário Braga . . . . .	1\$50
Para o Textil . . . . .	5\$00
Soar . . . . .	1\$00
Têxteis A . . . . .	5\$00
» E . . . . .	14\$00
» Forte . . . . .	2\$50
» Porto . . . . .	5\$00
» . . . . .	2\$50
Um amigo textil . . . . .	4\$00
» » » (A) . . . . .	2\$50
Unidade operária . . . . .	11\$00
Viva H. D. . . . .	1\$00
<b>TOTAL</b> . . . . .	<b>149\$50</b>

(CONTINUAÇ. DA 1.ª PÁG.ª)

No plano interno, também a luta pela AMNISTIA se torna cada vez mais potente. Depois do histórico documento subscrito por milhares de portugueses, outros textos vêm sendo enviados às autoridades. Recentemente foi lido pelo Ministro da Saúde, pelo barão da Ordem dos Advogados, solenemente a necessidade de libertação de Álvaro Cunhal. No Barreiro foi enviado um documento à A. Nacional, no Couço parte um livro sobre a AMNISTIA foram recolhidas 150 assinaturas. Petições e cartas de muitas localidades são enviadas aos Presidentes da República e do Conselho.

No Assembleia democrática que se realizou em Braga no dia 15 de Novembro foi apresentado, pelo Dra D. Izabel Abalim Inglês um texto, que sob a forma de declaração dirigida ao Presidente da República reclama a libertação dos presos políticos.

Este documento, se considerarmos, que os condições actuais da luta nacional se tornam cada vez mais propícias ao desenvolvimento da acção anti-salazarista, não todas as possibilidades de se tornar num documento oficialmente nacional e capaz de dar um forte impulso na luta pela AMNISTIA.

Torna-se, porém, necessário que a estas possibilidades se dê uma expressão real. Que se multiplique a circulação das Declarações através de cópias dactilografadas ou impressas, que todos os operários da nossa indústria recolham o maior número possível de assinaturas, que pela nossa acção se venha a despertar a luta pela libertação dos presos políticos

## Sobre a colaboração ao nosso jornal

No TÊXTIL n.º 16 dizia-se: — « O TÊXTIL é o nosso jornal porque é feito pelos próprios trabalhadores e em suas colunas se tratam problemas da classe ». A nossa classe, porém, é tão numerosa, há tantos problemas que nós dizem respeito e que interessava serem debatidos nas colunas do nosso jornal para que este vinculasse cada vez mais os laços que o ligam a nós, tornando-se ainda mais capaz de exercer a sua missão como órgão de unidade.

E o que é necessário para que isto aconteça? Que cada um de nós dê a sua colaboração ao TÊXTIL, relatando factos que sabemos estarem a passar-se nesta ou naquela empresa, escrevendo cartas para serem publicadas, narrando aspectos da nossa situação nas empresas, no lar, descrevendo formas de exploração e como se desenrola o nosso próprio trabalho, apresentando ideias sobre as lutas a desenvolver pela classe contra os patrões e o governo.

Através desta colaboração o TFX,

(CONTINUAÇÃO DA 3ª PÁGINA)

obrigadas a trabalhar com 4 teares manuais, em lugar de 2 como anteriormente. Esta modificação está a dar-se aos poucos afim de não provocar uma reacção forte. Vários grupos de 10 e 15 foram obrigadas a trabalhar com 4 e 3 teares. Agora querem fazer o mesmo ao turno da noite. O primeiro grupo vítima desta modificação recusou-se a pegar no trabalho e dirigiu-se ao encarrgado que as não atendem. As operárias foram então ter com o engenheiro da secção, o «Tides», que não só as repeliu como impediu que fossem falar com o engenheiro geral, chamando a GNR, para as obrigar a trabalhar.

Além de trabalharem o dobro, as operárias estão ganhando menos porque lhes atribuem um coeficiente de actividade inferior, o que as faz dizer que quanto mais trabalham menos ganham.

**COMPANHÊIROS!** Dentro de todas as empresas existe a exploração. A arma que temos ao nosso alcance para combatê-la é a UNIDADE. Com ela os operários das firmas « Hortas » e « Fil » obrigaram os patrões a ceder. Será com a UNIDADE que as nossas companheiras do Barreiro vencerão as tentativas de intimidação.

**COMPANHÊIROS!** Unidos venceremos a exploração.

TIL enriquecerá, não só a sua experiência, como também o conteúdo das notícias publicadas. E os beneficiados desse enriquecimento seremos todos nós, operários têxteis.

Ao debatermos este assunto, ocorrenos, no sentido de estimular a colaboração ao TÊXTIL, abrir um INQUÉRITO a todos os operários da indústria. Está ao alcance de todos nós responder a esse inquérito, mostrar com as nossas respostas toda a verdade da nossa amarga situação.

### — INQUÉRITO

— Nome da empresa? Número de operários? Como são as condições de trabalho? — Instalações, tratamento para com os operários, segurança no trabalho, produtividade, etc. Multas? — Sobre que motivos são aplicadas e em que consistem? Como são cumpridas as regalias previstas no Contrato Colectivo de Trabalho? — Acção da Caixa Sindical, Abono de Família, Férias, Paro, Creches e seu funcionamento, Horário de trabalho, etc. Quantos dias trabalha a empresa? Quais os salários pagos? — Homens, mulheres e aprendizes. Qual o salário de quem responde ao inquérito? Qual a constituição da sua família, salários que a mesma aufer e sua situação económica? Qual a secção onde trabalha e como é executado o seu trabalho?

## (CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

ção que tem de ser também a dos propositos para a direcção.

A lei estabelece que a lista de unidade deve ser subscripta por 100 assinaturas, no entanto, a primeira condição para que seja vitoriosa é ser superior por toda a classe, pelo maior número possível de companheiros. Na medida em que a apresentação duma lista de unidade constitua já uma manifestação massiva da classe estaremos a dar passos no caminho da vitória.

A elaboração da lista deve ser feita à baía de homens e mulheres de prestígio e seriedade reconhecida pelos companheiros. Se escolhermos operários e operárias que não tenham o apoio da classe, em lugar de estarmos a forjar a nossa unidade, estamos a facilitar a acção inimiga.

Uma das coisas que caracteriza as direcções que defendem os interes-

## SALAZAR VENDE A NOSSA

### Pátria ao estrangeiro

Ao longo destes 33 anos de governo salazarista os portugueses se foram o pouco a pouco convencendo, à luz da sua própria experiência, que o fascismo constitui um regime anti-nacional.

O nosso Povo vive no mistério, aterror e a fôrça são lançadas sobre as populações metropolitanas e calcadas.

Salazar, para conseguir no estrangeiro um apoio para a sua política criminoso, faz concessões e negociações de cujas consequências somos nós, o povo português, as principais vítimas.

Recentemente entre Portugal e o Brasil foi estabelecido um acordo de café, com o qual, os interesses económicos de Angola ficam afectados em cerca de 50.000 vacas e porcos americanos foi encomendado a Portugal uma enorme quantidade de tecidos, a preços baixíssimos, incontroláveis até. Os padrões e a estampagem será coisa que os senhores americanos impõem. Sabe-se também que a comprar uma fábrica têxtil que irão demorar para nela instalarem uma fábrica de costura.

Que significa tudo isto? Que Salazar compra o magro apoio internacional que tem à custa do sacrificio dos interesses nacionais. Por outro lado vê-se o apoio descurado ao imperialismo americano. Coloca-se o baixo preço da mão de obra nacional, e enquanto os trabalhadores vivem no mais negro mistério, ao serviço da exploração estrangeira.

Através desta negociação os americanos poderão de uma vez vender o mercado a preços altos da concorrência internacional, com o artigo português, roupas feitas com pano português e em Portugal, mas rotuladas de americanas pois que para isso serão impostos aos industriais os padrões e a estampagem.

ses do patronato e do governo é a ausência de qualquer programa ou plano de acção. Evidentemente que se essas direcções tivessem um programa através do qual defendessem os nossos interesses, seriam direcções voltadas para a sua classe. Este facto mostra-nos, portanto, que as direcções propostas por nós, devem ser acompanhadas dum programa, porque será precisamente esse programa e a garantia da sua defesa que dá à classe a honestidade dos propositos, que permitirá, na medida que se faça a sua justa popularização, despertar na classe o entusiasmo necessário para a vitória.

Neste programa, no prestigio dos componentes da lista de unidade, na acção desenvolvida, quer pela comissão sindical, quer por todos nós, estarão as armas capazes de neutralizar todas as tentativas de intimidação desenvolvidas pelo inimigo.